

A motivação autobiográfica em Lima Barreto

Manoel Freire¹

Um lugar-comum

UM DOS PONTOS MAIS SENSÍVEIS DA ESCRITA DE LIMA BARRETO, sobre o qual praticamente todos que se ocuparam da sua obra disseram alguma coisa (seja acentuando, seja minimizando sua importância) é a relação entre vida e obra, isto é, as ressonâncias autobiográficas no espaço textual, traço que, embora não seja uma originalidade desse autor, nele se apresenta de uma maneira singular, seja pela frequência, seja pelo modo como se opera. O fato de que nem mesmo os estudos que se propõem desvendar tão somente as particularidades formais da obra pela análise imanente do texto ignoram o traço autobiográfico da escrita, como por exemplo, o ensaio de Cavalcante Proença, que se detém à análise das constantes estilísticas do romancista,² e o estudo de Osman Lins sobre o espaço romanesco,³ sugere que é difícil ler os livros de Lima Barreto sem incorrer nesse lugar comum.

O crítico José Veríssimo, a respeito das *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, primeiro livro publicado por Lima Barreto (1909),⁴ escreve em 1910 uma carta ao romancista em que fala da boa “impressão geral” que lhe causou o romance, sem deixar de assinalar as “muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo e outras”. As restrições mais ostensivas, porém, referem-se ao caráter autobiográfico do romance, presente no forte “personalismo”, visto por Veríssimo como o aspecto que mais oblitera o valor artístico da obra.⁵ Crítica menos generosa à literatura de Lima Barreto fará anos depois Olívio Montenegro, para quem, nos livros do autor de *Gonzaga de Sá*, a revolta do homem injustiçado acabou por mutilar o poder de análise do escritor, cuja obra seria “toda ela de constante e violenta revolta”.⁶ É curiosa a predisposição de Montenegro para ver apenas a “face violenta” da literatura de Lima Barreto. Observando com lentes de aumento, amplifica os traços autobiográficos estampados nas confissões amarguradas, que segundo sua opinião predominam em todos os livros do romancista, cuja obra seria “uma longa, exaltada, ininterrupta série de confissões”, ora com “voz estridente”, ora com a “voz abafada, e com um gosto ácido, como de sangue”.⁷

Sérgio Buarque de Holanda também ressalta a dimensão autobiográfica dos escritos de Lima Barreto, ao afirmar que a obra do romancista é, “em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte”.⁸ Também nesse caso, em que a ênfase é posta sobre as “amarguras íntimas” e os “ressentimentos”, que segundo o crítico recobrem a maior parte da obra ficcional de Lima Barreto, há uma transferência de traços da escrita íntima e dos textos de caráter panfletário para os romances numa proporção que talvez estes não suportem.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: manoelfrr@gmail.com.

² PROENÇA, M. C. Lima Barreto: sobre a obra de Lima Barreto. In: *Estudos literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 67-98.

³ LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

⁴ BARRETO, L. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

⁵ VERÍSSIMO, J. Carta a Lima Barreto. In: BARRETO, L. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 2. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 203-5.

⁶ MONTENEGRO, O. Lima Barreto. In: _____. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 143.

⁷ Ibidem, p. 149.

⁸ HOLANDA, S. B. Em torno da obra de Lima Barreto. In: _____. *Cobra de vidro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 132.

Já Francisco de Assis Barbosa, embora não deixe de acentuar o traço autobiográfico da literatura do autor de *Isaías Caminha*, não atribui a isso um valor negativo, o que em parte talvez se explique pelo fato de se tratar menos de um “crítico interessado” nas qualidades estéticas dos textos que de um historiador cujo interesse maior estaria no significado social e histórico da obra do romancista, bem como na sua relação com o contexto que a gerou, incluindo-se aqui a vida do próprio escritor. No seu fundamental *A vida de Lima Barreto*,⁹ Barbosa mostra como a experiência individual e a tragédia familiar foram determinantes na configuração dos textos do autor de *Gonzaga de Sá*.

Alfredo Bosi também não deixa de considerar o papel das circunstâncias biográficas na configuração da obra de Lima Barreto, vendo-as como fermento ideológico que emoldura a escrita do romancista, ao fornecer os principais motivos que alimentam a sua literatura. Segundo o crítico, “a origem humilde, a cor, a vida de jornalista pobre e de pobre amanuense”, que o escritor via conscientemente como barreiras a sua ascensão social, e principalmente a suas ambições intelectuais, “motivam aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises”.¹⁰ Num ensaio mais recente, em que analisa “as figurações do eu” nas *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, o crítico adota o mesmo ponto de vista na abordagem, ressaltando o modo ostensivo como as circunstâncias históricas e as experiências pessoais atuam na configuração do texto.¹¹

Outros críticos, alguns mais contemporâneos, discutem esse aspecto da obra de Lima Barreto, como é o caso de Antonio Candido,¹² para quem “talvez o Lima Barreto mais típico seja o que funde problemas pessoais com problemas sociais”, o que aponta para as dimensões biográfica e ideológica da literatura do escritor carioca. Candido argumenta que Lima Barreto, ao canalizar a própria vida para os textos, deixou de ver a literatura como arte, encarando-a mais como documento e confissão pessoal, uma vez que a transposição imediata de circunstâncias do cotidiano para a escrita impedira sua transfiguração literária na maior parte dos livros do romancista, que segundo o crítico só raramente alcançou a “plenitude da escrita”.

Não se deve esquecer, entretanto, que o fato de Lima Barreto muitas vezes encarar a literatura menos como arte e mais como exercício de análise da sociedade e estudo da condição humana deve-se, sobretudo, a sua deliberada opção por uma literatura militante, na qual pudesse tratar com “absoluta sinceridade” os problemas que afligiam a sociedade de seu tempo, os quais o afetavam diretamente. É o que dirá em *O destino da literatura*, escrito em 1921, texto emblemático da sua visão sobre a literatura, cujo sentido maior, na opinião do romancista, residiria “na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida”.¹³ Nesse texto Lima Barreto reafirma a sua profissão de fé na literatura, pois de certo modo apenas formaliza e resume uma concepção difusa em toda a sua obra, uma concepção tantas vezes professada e concretizada nos seus próprios livros, e aqui posta como uma espécie de testamento.

Além dos críticos já mencionados, ressalte-se Antonio Arnoni Prado,¹⁴ um dos poucos estudiosos mais recentes do romancista que não perde de vista a dimensão ideológica da literatura do criador de Policarpo Quaresma. Prado mostra com argúcia os pontos de articulação entre vida e obra do autor carioca, ao fazer a passagem do *Diário íntimo* para os romances e contos, destes para os escritos circunstanciais, de forma a elaborar um amplo espectro da obra do autor carioca, em que se integram os elementos biográficos, ideológicos e os

⁹ BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

¹⁰ BOSI, A. O romance social: Lima Barreto. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 357-8.

¹¹ Idem. Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 186-208.

¹² CANDIDO, A. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 39.

¹³ BARRETO, L. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 59.

¹⁴ PRADO, A. A. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Marins Fontes, 1989.

estéticos numa relação de interdependência. Nos estudos de Arnoni Prado vemos o que a obra de Lima Barreto tem de mais substancial em termos de elaboração formal, crítica ideológica, denúncia social e confissão pessoal, bem como seu alcance enquanto reação e crítica à literatura oficial.

Confissões da intimidade

O *Diário íntimo* de Lima Barreto é de suma importância para se compreender a obra do escritor, pois serve de roteiro para se penetrar nas três dimensões fundamentais da sua escrita: a dimensão intelectual, que compreende tanto os projetos literários como a visão de mundo do escritor; a dimensão biográfica, na qual se revela um homem revoltado em face das injustiças sociais que atingiam a maior parte da população brasileira, inclusive ele próprio, também vítima da ordem excludente. E, como resultado da confluência entre formação intelectual e experiência biográfica, desponta a dimensão ideológica, ponto em que se articulam os anseios do intelectual revolucionário e as angústias do cidadão marginalizado. Essa fisionomia ideológica de Lima Barreto aparece difusamente nas páginas do *Diário*, na configuração dos textos de ficção, para depois apresentar-se de modo explícito e ostensivo nos escritos circunstanciais, artigos e crônicas que o escritor publicou na imprensa, sobretudo a partir de 1915.

Já no ano de 1903, Lima Barreto registra, nas páginas do *Diário íntimo*, notas que revelam suas apreensões quanto ao futuro, atitude que se devia, ao que parece, à percepção da própria incompatibilidade com o meio intelectual, o que até certo ponto inviabilizava suas pretensões literárias, conforme ele mesmo pressentia. Registra, com o título de “Um diário extravagante”: “Eu, Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica”. Em seguida expressa um desejo que iria persegui-lo por muitos anos: “No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade”.¹⁵ Na verdade, o projeto de escrever a história da escravidão negra no Brasil jamais se realizaria, mas a intenção de compreender “a sua influência na nossa nacionalidade” sempre acompanhou Lima Barreto, o que se pode constatar ao ler os seus romances e contos, nos quais, seja como personagem principal, seja como figura secundária, sempre aparece o indivíduo negro ou seu descendente em situação desvantajosa na sociedade.

Na situação em que vivia o jovem Lima Barreto, por essa época passando por sérias dificuldades econômicas, o emprego público (Lima Barreto emprega-se na Secretaria da Guerra em 1903) poderia ser um alívio para uma parte de suas apreensões, já que pelo menos acudiria suas necessidades mais imediatas. No entanto, torna-se mais um tormento para a sua já transtornada existência, pois se a vida burocrática era incompatível com a sua índole inquieta, mais ainda era a ambiência militar da repartição, além da atmosfera de ambições. Depois da sua entrada na repartição, onde passara a exercer as funções de amanuense, agrava-se a sua melancolia, pois aos desgostos e mágoas da casa paterna somam-se os dissabores colhidos na vida burocrática, o que não é difícil perceber nas inúmeras anotações do *Diário íntimo* em que Lima Barreto faz referência direta ou indireta à repartição, como dirá num registro amargo de 1914: “O que mais me aborrece é aquela secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência”. Logo em seguida, Lima Barreto expressa com veemência a insatisfação por fazer parte de um ambiente incompatível com a sua personalidade: “Não posso suportá-la, é meu pesadelo, é minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha”.¹⁶

Para Maurice Blanchot,¹⁷ “O diário não é essencialmente confissão, relato na primeira pessoa”, mas um memorial em que o escritor registra recordações “de si mesmo, daquele que ele é quando não escreve, quando

¹⁵ BARRETO, L. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 33.

¹⁶ Ibidem, p. 171.

¹⁷ BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 19.

vive sua vida cotidiana, quando é um ser vivente e verdadeiro, não agonizante e sem verdade”. Nesse sentido, o diário seria o espaço possível de preservação do “eu” do escritor, uma vez que, na obra de ficção, o autor se “despersonaliza”, transformando seu “eu” num “ele”. Daí a contradição que cerca a vida do escritor segundo esse ponto de vista, já que “o meio de que se serve para recordar-se de si mesmo é, fato estranho, o próprio elemento do esquecimento: escrever”. No entanto, tratando-se de Lima Barreto, talvez fosse o caso de dizer que o ato de escrever não chega a ser por completo uma despersonalização ou o esquecimento de si mesmo, já que na sua escrita é difícil fazer uma separação radical entre vida e obra, experiência e literatura. E se o diário é o espaço em que se registram as confidências mais íntimas e, portanto, talvez mais verdadeiras da vida do escritor, é nas notas que compõem o *Diário íntimo* que podemos encontrar um roteiro para compreender o processo criador de Lima Barreto, a partir das motivações pessoais.

O sentimento de desacordo com o mundo a sua volta, que se vai agravando com o desenrolar do fio da existência, começa pela experiência do escritor em sua própria casa, como revela o *Diário íntimo* desde os primeiros anos. Numa entrada de janeiro de 1904, Lima Barreto já registra suas angústias devidas ao atormentado viver do cotidiano doméstico: “Dolorosa vida a minha! Empreguei-me e há três meses que vou exercendo as minhas funções. A minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh’alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice”. Na sequência, confessa com amargura: “Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C... furta livros e pequenos objetos para vender”, escreve, para então concluir, num misto de revolta e resignação: “Como tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser!”.¹⁸ A insatisfação no espaço doméstico é agravada pela convivência com a família da companheira do seu pai, fato que Lima Barreto jamais aceitaria, numa atitude que sugere um sentimento misto de ciúmes e preconceito: “A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte prender o desenvolvimento superior dos meus”, afirma, para em seguida completar com um desabafo narcísico: “Só eu escapei!”.¹⁹

Em 3 de janeiro de 1905, Lima Barreto faz um registro no *Diário* em que se pode constatar sua percepção do preconceito de cor, motivo que anima muitas de suas personagens, sobretudo Clara dos Anjos e Isaías Caminha. “Ontem, eram onze horas, eu estava no meu quarto, escrevendo, passou um pequeno da vizinhança” que, “chegando em frente à nossa casa, deu boas-noites. Pelo jeito, pareceu-me que deu para a minha irmã ou para a tal Paulinha, que é uma mulatinha muito estúpida”.²⁰ Na sequência, comenta circunstâncias da sua vida em família em que se revela nitidamente o seu complexo de cor, agravado pelo bovarismo, que o fazia sentir com mais intensidade os efeitos do preconceito, a seu ver mais graves sobre as mulheres, como o demonstra nos cuidados exagerados com a irmã, que via sempre na iminência de cair na desgraça. “Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparece”, declara, para então justificar sua atitude: “Se minha irmã não fosse de cor, eu não me importaria, mas o sendo dá-me cuidados, pois que, de mim para mim, que conheço essa nossa sociedade, foge-me o pensamento ao atinar porque eles as requestam”.²¹ Aqui Lima Barreto demonstra conhecer muito bem o alcance e as consequências do preconceito de cor, mais graves para as mulheres, motivo central de *Clara dos Anjos*.²²

Um episódio de 1905, registrado por Lima Barreto no *Diário íntimo*, é bastante esclarecedor da relação do escritor com o seu ambiente familiar, relação que será determinante para instaurar seu modo de vida ambulante, traço que acompanhará também boa parte de seus personagens, como Isaías Caminha, Augusto Machado,

¹⁸ BARRETO, L. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 41.

¹⁹ Ibidem, p. 41.

²⁰ Ibidem, p. 75.

²¹ Ibidem, p. 76.

²² BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

Gonzaga de Sá, para ficar em alguns. O escritor ainda não havia se entregado à vida boêmia nem estava dominado pelo vício do álcool, mas já se sentia, muitas vezes, obrigado a refugiar-se nas ruas por não suportar a situação da casa paterna. A essa altura a tragédia doméstica já estava bem configurada: o pai doente, delirante, uma família de muitas pessoas e renda pequena, sendo ele praticamente sozinho o responsável pelo orçamento doméstico, graças aos vencimentos que recebia de seu emprego na Secretaria de Guerra. Junte-se a isso o orgulho de Lima Barreto, que se envergonhava de receber pessoas em sua casa por não poder oferecer-lhes uma recepção digna. Vale a pena citar o registro pelo que esclarece em termos de incompatibilidade entre o escritor (na época ainda sem ter publicado um livro) e seu meio doméstico:

Voltei para casa, eis senão quando dou com um baile em forma. Eram dez horas da noite. Havia canto, dança etc. Ora, no estado que (sic) meu pai está, com os poucos recursos que temos, positivamente aquilo me aborreceu. Como permitia o meu orgulho, que eu recebesse gente, sem oferecer-lhes boas cousas? Como? Demais, meu pai, aluado, na saleta, e o baile, a roncar na de visitas. Não me contive e manifestei logo o meu descontentamento. Isso, ao depois das visitas, deu lugar a um destampatório familiar.²³

Esse desacordo profundo com o mundo segue um caminho sem volta e que só terminará com a morte de Lima Barreto. Vai além da esfera particular, extrapola a fronteira do espaço doméstico e afeta a relação do escritor com a sociedade em geral, manifestando-se nos diferentes espaços por onde circula: na repartição pública, no meio literário e no próprio espaço das ruas, por onde tende a passar, a partir de certo momento, a maior parte da sua vida. Com o passar do tempo, na medida em que se expõe mais à vida social – pois além do emprego burocrático que tem de aturar por longos anos, participa ativamente da vida intelectual –, o sentimento de sua incompatibilidade com os valores dominantes tende a acentuar-se. E, à proporção que isso acontece, as frequentes explosões de revolta têm como causa não apenas os desentendimentos familiares, mas também (e sobretudo) os choques com a sociedade, em cuja forma de organização o escritor passa a identificar as fontes do próprio sofrimento.

Esboço do projeto

O *Diário íntimo* de Lima Barreto é importante não só como fonte de conhecimento da vida pessoal e da índole do escritor, mas também como entrada para se penetrar no universo da sua literatura, propiciando uma melhor compreensão da personalidade literária do romancista, pois é no *Diário* que se encontram os vários registros de intenções e planos de obras que desejou escrever, algumas efetivamente realizadas, outras apenas anunciadas e abandonadas. No ano de 1900, na entrada de dois de julho, quando Lima Barreto contava apenas dezenove anos de idade, registra no *Diário* o que talvez tenha sido a primeira tentativa literária, provavelmente um romance sobre a vida acadêmica na Escola Politécnica, de onde o futuro romancista seria “expulso”, depois de muitas reprovações e perseguições.²⁴ Aqui já é possível reconhecer alguns traços que viriam depois caracterizar a escrita de Lima Barreto, particularmente a tendência para explorar as contradições da vida social e cultural do país. O traço que já se configura com nitidez é a temática do homem negro ou descendente de negro em face dos preconceitos que se apresentam como barreiras a sua realização social, o que figura no esboço da personagem Tito Brandão,²⁵ em que se reconhece um embrião de Isaías Caminha e Augusto Machado. O narrador apresenta

²³ Idem. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 91.

²⁴ BARBOSA, F. A. Op. cit.

²⁵ BARRETO, L. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 32.

a personagem com os traços que viriam marcar depois as figuras mais representativas da ficção de Lima Barreto: reservado, consciente de sua inadequação ao meio e fiel a seus princípios, mas sempre melancólico e desconfiado, como a defender-se dos riscos que a organização injusta da sociedade impunha a sua trajetória.

Outra personagem apenas esboçada e de quem o narrador fala com simpatia é Fernando Amoreira: alegre, descontraído e com boas qualidades intelectuais, irônico adversário dos positivistas, a quem se referia com sarcasmo. Ao contrário do temperamento melancólico de Tito Brandão, Fernando encontrava sempre motivo para o riso, forma com que expandia sua verve, como nos diz o narrador: “seu temperamento singular fazia as delícias dos colegas. Nada o alterava, nem mesmo as reprovações. Ria-se sempre dos acontecimentos e imaginava uma teoria risonha para justificá-los”. Seus traços revelam um modelo que Lima Barreto não chega a concretizar nos livros que efetivamente escreveu, pois embora algumas das personagens do romancista apresentem essa verve irônica e a capacidade de perceber o ridículo e colher as contradições do meio social – como Isaías Caminha, Augusto Machado, Gonzaga de Sá –, apresentam ao mesmo tempo certo ar de tristeza e melancolia, que se manifesta ora num pessimismo resignado, ora sob a forma de explosões de revolta.

Essa mudança de humor que separa a personagem esboçada na juventude de Lima Barreto daquelas que se concretizaram depois em seus romances parece que está vinculada à própria mudança que se opera gradualmente na elocução de seus textos, que assumem um tom mais pessimista na maturidade do escritor. É interessante notar, também, que essa transição teria acontecido no temperamento do próprio Lima Barreto, que, segundo pessoas da sua convivência, com o passar dos anos teria perdido seu “bom humor” e adquirido um ar sombrio, com a tristeza e o pessimismo que caracterizam os desiludidos com a existência. José Vieira alude a esse lado jovial e alegre do Lima Barreto jovem, que parece ter submergido no mar das desilusões colhidas no embate com os seus conflitos íntimos e com uma sociedade hostil aos seus ideais. “A razão principal do modo por que o tratavam estava na simpatia que ele inspirava desde o primeiro contato. Sabendo-se um tão rico talento, gostava-se da sua naturalidade, da graça com que contava e comentava os fatos”, declara Vieira, para então recordar uma espontaneidade quase infantil do autor de *Policarpo Quaresma*: “Lima andava, de uma ponta à outra do mês, sem dinheiro, e, para beber, pedia pequenas quantias, espontâneo e íntimo como as crianças”.²⁶ Sobre esse aspecto da personalidade de Lima Barreto, um amigo íntimo e de longa convivência com o escritor dá o seguinte testemunho:

Nos primeiros contatos que tive com ele, não lhe notei a amargura, o vinco das criaturas marcadas para os grandes cometimentos e desastres irreparáveis. Era o Lima Barreto da primeira fase: alegre, despreocupado da vida, sem grandes preocupações pecuniárias, não nos mostrava o fundo de sua alma, aquele surto irreprimível para a tristeza e a dor e o orgulho de ser negro, que mais tarde notei nele, [...] e já então constituía o alimento secreto do seu ‘eu’ atormentado. Enchia a conversa de *boutades* e sarcasmos.²⁷

O mulato sitiado pelo preconceito é um dos motivos centrais da obra de Lima Barreto e está vinculado ao projeto de escrever a história da escravidão negra no Brasil, que o escritor anuncia nas páginas do *Diário íntimo*, porém jamais realizaria. De todo modo, a intenção de abordar o problema do negro no Brasil permanece por

²⁶ VIEIRA, J. O Lima Barreto que eu conheci. In: BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edición crítica, Antonio Houaiss y Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordinadores. 1ª edición Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997, p. 464-5.

²⁷ QUADROS, B. Prefácio. In: BARRETO, L. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 2. Obras Completas de Lima Barreto. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 11. Trata-se, segundo Francisco de Assis Barbosa, de Antonio Noronha Santos, grande amigo do romancista.

longo tempo no horizonte do escritor e, de certa maneira, alguma coisa do projeto inicial chega a realizar-se, pois se não demonstra claramente as influências do trabalho escravo na “formação da nossa nacionalidade”, como queria, pelo menos as consequências da escravidão para a vida dos descendentes de escravos estão presentes na sua obra em situações diversas, ostensiva ou discretamente. Aparecem tanto nos projetos de obras, anunciados no *Diário*, mas logo “abandonados”, como nos romances e contos que efetivamente se realizaram, pois embora sem abordar diretamente o problema da escravidão, a herança nefasta do trabalho servil configura-se em Isaías Caminha, Augusto Machado, Clara dos Anjos, além de criados e agregados que figuram nas narrativas de Lima Barreto. Lembrem-se como exemplos a “preta velha” Maria Rita, Anastácio e Felizardo, no *Triste fim de Policarpo Quaresma*,²⁸ Romualdo, Aleixo Manuel e Inácio, em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*,²⁹ além de outros, como Horácio, personagem do conto *O moleque*.

Numa entrada de dezembro de 1904, sem data precisa, Lima Barreto registra no *Diário íntimo* novo esboço de capítulo de um provável romance – ao que parece, da primeira versão de *Clara dos Anjos* – em que novamente aparece a personagem Tito Brandão, embora num trecho diferente da primeira tentativa. Figuram criaturas que, em situações diferentes, estarão em *Clara dos Anjos*, como é o caso de Clara e a mulata Engrácia, sua mãe. Ao que parece, manifesta-se aqui o desejo de materializar o projeto de escrever a história da escravidão negra no Brasil e sua ‘influência na nossa nacionalidade’, que Lima Barreto anuncia pela primeira vez em 1903. Embora não trate diretamente da vida dos escravos na fazenda, apresenta como protagonistas descendentes de escravos nascidos de relações extraconjugais entre os proprietários e suas escravas, costume comum na vida das fazendas, conforme nos mostra Gilberto Freyre.³⁰ Percebem-se no pequeno trecho os traços do paternalismo que marcava a relação entre os proprietários e os “escravos domésticos”, relação que teria sido “menos cruel” do que o tratamento dispensado aos escravos do eito, segundo a perspectiva de Freyre. No esboço do romance de Lima Barreto aqui referido, ao apresentar a personagem o narrador sugere uma relação mais ou menos amistosa entre senhor e escravo, bem como os laços paternalistas que ligariam seus descendentes. “Tito Brandão da Silva nascera no Rio de Janeiro, de uma dessas famílias da pequena burguesia carioca”, informa. Clara, a mãe de Tito, nasce da relação senhor/escrava, já que Engrácia, sua mãe, era criada da casa dos Brandão e “provida da precisa beleza para interessar o seu jovem senhor, ainda mais que estava nos costumes do tempo, quase sem prostituição pública e aventuras amorosas difíceis”, declara o narrador, para em seguida ressaltar a atitude maternal de dona Rosa, cuja “ternura encaminhou-se toda para essa e outras raparigas e rapazes nascidos em casa, em cujas veias corria uma forte dose do seu sangue”.³¹

Os registros do *Diário íntimo* revelam que entre 1900 e 1905 Lima Barreto vivia uma grande ansiedade em relação a seus planos literários, uma impaciência que não lhe permitia levar à frente o projeto de um livro. É o que se constata pela leitura das páginas (do *Diário*) escritas nos primeiros cinco anos, em que se percebe que tão logo Lima Barreto inicia o esboço de um romance, abandona-o para em seguida começar outro, numa sucessão de tentativas que sugere a apreensão de quem está tentando acertar o passo e correndo contra o tempo, como se pressentisse a brevidade da própria existência. As várias tentativas de romance empreendidas em curtíssimo intervalo de tempo, para logo em seguida serem abandonadas, revelam a impaciência do escritor, que o levava, ao que parece, a “tentar escrever” mais de um livro ao mesmo tempo, fato sugerido também pela relativa indecisão quando da publicação do seu primeiro livro. Em carta a Gonzaga Duque, Lima Barreto explica as razões por que decidira publicar as *Recordações do escrivo Isaías Caminha* e não o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, sugerindo assim que os dois livros foram escritos praticamente no mesmo período. A carta não apenas sugere

²⁸ BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

²⁹ Idem. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

³⁰ FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

³¹ BARRETO, L. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 54-5.

a “ansiedade literária” de Lima Barreto, mas também o seu desejo de reconhecimento, de chamar a atenção do mundo das letras para seu nome, pois ao considerar o *Gonzaga de Sá* “um tanto cerebrino” e “muito calmo e solene”, portanto “pouco acessível”, resolve publicar antes o *Isaías caminha*, “um livro desigual, propositadamente mal feito, brutal às vezes, mas sincero sempre”, esperando com ele “escandalizar e desagradar”.³² Também não se deve esquecer de que a primeira versão de *Clara dos Anjos* é de 1904, fato que depõe a favor de que o jovem escritor vivia um momento de muita ansiedade em relação a seu projeto literário.

Numa entrada do *Diário* do ano de 1904 (sem data), Lima Barreto registra novo esboço de romance, a que dá o título de *Marco Aurélio e seus irmãos*,³³ em que outra vez a questão da escravidão negra no Brasil aparece como tema geral. Personagem central, ao que parece, Marco Aurélio medita sobre a “vida perdida” do preto velho que lhe servia há quinze anos, “com a mesma regularidade e com aquela larga e doce simpatia, que só se encontra nessas almas selvagens dos velhos negros, onde o cativo paradoxalmente depositou amor e bondade”.³⁴ Marco Aurélio era escriturário do asilo, onde vivia a sofrer humilhações dos doutores, isto é, de nossa “arrogante nobreza universitária”, e a digerir os desgostos íntimos, alimentados pelo fracasso e pelas saudades dos antigos sonhos de glória. Como Gonzaga de Sá e outras criaturas de Lima Barreto, Marco Aurélio vivia imerso numa atmosfera de nostalgia e melancolia, a lamentar as esperanças perdidas. É sugestivo notar que nessa época Lima Barreto já havia se desligado da Escola Politécnica e se tornara funcionário público, carregando assim o fracasso do projeto universitário e os desgostos da vida burocrática.

O motivo do funcionário público insatisfeito com o trabalho burocrático e a frustração com a “nobreza universitária” já despontam aqui, embora sem a ironia e o sarcasmo dos escritos posteriores. O registro é marcado por certo lirismo com um fundo de tristeza, que traduz a atitude melancólica e resignada da personagem face às decepções que a vida lhe dera: “Ele lembrou-se, então, do seu serviço, aquele obscuro serviço de escriturário, sempre doloroso, sempre amargo, sempre humilhado, mais que isso; ali, entre dois médicos, não sei quantos internos, todos doutores e senhorias, mais amargo e mais doloroso se tornava”. As alusões aos tempos de estudante e às esperanças frustradas do jovem sugerem a motivação autobiográfica do protagonista e evidenciam a semelhança com os traços de outras personagens do escritor, sobretudo Augusto Machado e Isaías Caminha, que traduzem uma ideia básica figurada na ficção de Lima Barreto: o jovem inteligente, estudioso, porém desprotegido, na luta pela vida numa ordem competitiva em que as regras não são iguais para todos, será sempre um adulto fracassado. Dando voz à melancolia da personagem, nos conta o narrador: “Lembrava-se bem do seu curso perdido, das suas esperanças de posição e consideração, há dez anos passados, quando um dia voltava com os preparatórios feitos, para a casa e a alegria que causara ao pai”. Portanto, impotente diante das forças opressoras, restam-lhe a tristeza e as recordações amargas: “Ele se pôs a recordar o curso, os processos de aprovação, a venalidade dos lentes, a sua covardia diante do poder e da força”, nos diz o narrador, para então concluir que “essa nobreza universitária, de exames e diplomas, era duas vezes mais cínica e mais rapace que a nobreza de dinheiro”.³⁵

A ideia de escrever sobre escravidão persiste nos planos de Lima Barreto por um longo período e volta e meia ele registra a intenção no *Diário íntimo*. Na entrada de 12 de janeiro de 1905, escreve: “Veio-me a ideia, ou antes, registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda”. Projeto ambicioso para o jovem de 24 anos que vivia em condições desfavoráveis para uma empreitada intelectual de grande envergadura, como queria que fosse o seu romance: “Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia”, anota, para em

³² Idem. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 169.

³³ Idem. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 65-7.

³⁴ Ibidem, p. 65.

³⁵ Ibidem, p. 66-7.

seguida completar: “Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão”.³⁶ A essa altura Lima Barreto já não suportava o drama doméstico e os burocratas “filisteus” da repartição, e já procurava o exílio das ruas, o que seria um grande empecilho a suas ambições literárias. Ele mesmo tinha consciência da dimensão dos obstáculos, pois sabia da necessidade de estudo e pesquisa para realizar tal empreendimento, e intimamente desconfiava, se não de sua capacidade para realizar o projeto, mas com certeza das condições objetivas para tal, que se tornavam cada vez mais precárias com o desenrolar dos fatos. Daí porque estava sempre adiando os planos para um futuro que não chegaria: “Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei”.³⁷

Numa entrada de 16 de janeiro de 1905, Lima Barreto novamente registra no *Diário* a ideia de um romance, em que se repetem os motivos recorrentes: a mulata pobre seduzida, o projeto fracassado do pai que quer ver o filho doutor. Aqui a personagem Tibau, por dificuldades de ordem financeira e afetiva, abandona a faculdade no terceiro ano, torna-se professor de história e enche-se de amor pelas coisas do Brasil, traços que lembram já o major Policarpo Quaresma, que surgirá seis anos depois, inclusive com o título de major da Guarda Nacional. As poucas linhas que traçam as características do major Tibau não deixam dúvidas quanto a seu parentesco com Policarpo Quaresma:

No curso das suas lições de história, Tibau tinha adquirido um grande amor do Brasil e acariciara o sonho de uma Sociedade do Folclore, que se destinava a recolher os cantos, as tradições e a poesia popular da nossa terra. Cultivar e festejar as datas familiares com o sainete nacional e os respectivos manjares. Possuidor dessa fortuna, funda a sociedade, com a qual é explorado por jornalistas, poetas, estudantes, debicado pelos ministros e funcionários, a quem se dirigiu para pedir uma subvenção.³⁸

As anotações do *Diário* vão diminuindo a partir de 1906, quando os registros sobre a literatura e em particular sobre os planos literários de Lima Barreto vão se tornando cada vez mais escassos. Obviamente, isso não se deve apenas ao pessimismo do escritor, que vai aumentando com o passar dos anos, mas é inegável que as desilusões e o pressentimento do fracasso funcionam já a essa altura como um sinal de alerta. Lima Barreto certamente reconhecia que já não seria possível realizar grandes empreendimentos e que já era tempo de executar o que ainda fosse possível de seus projetos. Aponta para isso o fato de que a essa altura já não registra intenção de grandes obras e mesmo a ideia fixa de escrever um romance retratando a história da escravidão negra no Brasil aparece-lhe como uma possibilidade remota, não mais como projeto, conforme sugere um dos últimos registros do ano de 1905: “Seria uma bela obra um romance em que se tratasse a antiga fazenda com escravos...”,³⁹ ou seja, a ação agora é remetida para o tempo incerto de um futuro do pretérito e atribuída a um sujeito indeterminado, que Lima Barreto já não assume, apenas resignando-se com o fim melancólico de mais um de seus desejos frustrados.

Os registros que Lima Barreto faz no *Diário íntimo* durante o ano de 1906 resumem-se a notas sobre o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que só publicará em 1919. Embora haja indícios de que esse romance estivesse praticamente terminado quando da publicação do *Isaías Caminha* (1909), é certo que Lima Barreto passou vários anos a se ocupar dele até chegar à versão definitiva. Numa entrada do *Diário*, sem data precisa (ano de 1906), registra notas com o título *Opiniões de J. Gonzaga de Sá*, em que ironiza as obras de melhoramento urbano, vendo

³⁶ Ibidem, p. 84.

³⁷ Ibidem, p. 84.

³⁸ Ibidem, p. 86.

³⁹ Ibidem, p. 105.

nelas o desejo de imitar os estrangeiros,⁴⁰ o que sugere que o livro estava em processo de elaboração. A fisionomia da personagem aparece já “definida”, pois os traços mais gerais do caráter de Gonzaga de Sá sofrerão poucas modificações: era “bacharel em Letras pelo antigo Imperial Colégio dom Pedro Segundo, onde foi colega do doutor Joaquim Nabuco”, e tinha conhecimento da psicologia clássica e da “metafísica de todos os tempos”, como também “não era casado e só amou duas vezes”, a “filha de um visconde e a sua cozinheira”, além de ser desprovido de qualquer tipo de ambição que não fosse a estritamente intelectual, o mesmo que se lê no romance.

Sintomático dessa atmosfera de pessimismo que toma conta de Lima Barreto a partir de certo momento é um registro do *Diário íntimo*, na entrada de 20 de abril de 1914, em que expressa as suas desilusões com a vida e com a própria literatura, esta que fora até então um dos poucos motivos que o alentavam. Tendo publicado até aí apenas as *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, lamenta, em tom de desespero: “Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos”. Aflições que o levariam cada vez mais a buscar refúgio no álcool, cuja consequência seria o seu precoce aniquilamento: “Ponho-me a beber; paro. Voltam eles [os sinistros pensamentos] e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver cotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia”. E, sentindo o peso do fracasso irremediável, conclui, numa confissão melancólica de quem vê a própria vida naufragar num mar de desilusões: “Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte”.⁴¹

Portanto, o *Diário íntimo* constitui ao mesmo tempo um repositório de confidências íntimas, em que o escritor derrama suas mágoas e desgostos advindos de sua problemática relação com a família e do sentimento da marginalização social, e ao mesmo tempo um roteiro da vida intelectual de Lima Barreto, já que aí se encontram registrados os projetos, os planos e anotações para seus romances e contos, como também rápidas alusões a temas que serão tratados nos escritos militantes da última fase.

De certo modo, o *Diário íntimo* será complementado pelo *Diário do Hospício*,⁴² composto por um conjunto de fragmentos que Lima Barreto escreveu por ocasião da sua última passagem pelo Hospital Nacional de Alienados, onde ficou internado por aproximadamente dois meses. Esses apontamentos seriam transformados num romance, se a essa altura Lima Barreto ainda tivesse forças suficientes para uma empreitada dessa natureza. Seria um romance sobre o problema da loucura e o drama vivido pelos internos do manicômio, do qual o autor deixou apenas cinco capítulos incompletos. Essas páginas escritas no manicômio constituem o que podemos considerar a última parte da chamada “escrita íntima” de Lima Barreto e tem um significado particular pelas circunstâncias em que foram produzidas, quando o escritor se achava no limite daquilo que se pode chamar condição humana, haja vista as condições degradantes apontadas em seu depoimento. No dia 4 de janeiro de 1920, escreve: “Estou no hospício, ou melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia”.⁴³

O interesse dessas páginas reside não só pelo modo como Lima Barreto aborda o problema da loucura e seus supostos métodos de cura, mas também porque ajudam a compreender a trajetória fracassada do escritor e a sua visão sobre a própria tragédia pessoal, que ele analisa agora em retrospecto. Nas páginas escritas no manicômio encontramos Lima Barreto em face do irremediável, quando está consumado o seu naufrágio, que ele encara não mais com a revolta que em geral manifesta nas confissões amarguradas do *Diário íntimo* e nos textos militantes que publica na imprensa, mas com a melancolia resignada que caracteriza Vicente Mascarenhas, protagonista de *O cemitério dos vivos*, sua última tentativa de romance.

⁴⁰ Ibidem, p. 118-20.

⁴¹ Ibidem, p. 116.

⁴² Idem. *Diário do hospício*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

⁴³ Idem. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 34.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Diário do hospício*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Obras completas de Lima Barreto* (dir. Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de M. Cavalcante Proença e Antonio Houaiss). São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOSI, Alfredo. Figuras do *eu* nas recordações de Isaiás Caminha. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 186-208.
- _____. O romance social: Lima Barreto. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 355-67.
- CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 39-50.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. Em torno da obra de Lima Barreto. In: _____. *Cobra de Vidro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p. 131-46.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MONTENEGRO, Olívio. Lima Barreto. In: _____. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 142-158.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PROENÇA, Manuel Cavalcante. Lima Barreto: sobre a obra de Lima Barreto. In: _____. *Estudos literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 67-98.
- QUADROS, B. Primeiros contatos com Lima Barreto. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 2. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 9-14.
- SANTOS, Antônio Noronha. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- VERÍSSIMO, José. Carta a Lima Barreto. In: BARRETO, L. *Correspondência ativa e passiva*. Vol. 2. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- VIEIRA, José. O Lima Barreto que eu conheci. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edición crítica, Antonio Houaiss y Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. 1ª edición Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997, p. 461-65.